

a amazona portuguesa

mário silva carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



LISBOA

AVEIRO

MADRID

LISBOA

MAR
MEDITERRÂNEO

LOCAIS
DA
NARRATIVA

MAZAGÃO



INTROITO

PORTUGAL NO ANO DE 1580

Em março de 1580, numa casa pobre de pescadores, fora das muralhas da vila de Aveiro, entre canaviais e braços de água, nasceu Antónia Rodrigues.

Por esse tempo a pátria portuguesa atravessava desfiladeiros profundos, tortuosos, pintados de escuridão.

Dois anos haviam passado sobre o falecimento do rei D. Sebastião, tragicamente perdido no ardor da batalha de Alcácer-Quibir, travada nos primeiros dias de agosto de 1578. A derrota e morte do jovem soberano no combate que procurou e para o qual arrastou um poderoso exército em resposta aos seus ideais de fé e do séquito que o rodeava, trouxeram consequências nefastas para o futuro de Portugal.

D. Sebastião, solteiro e virgem, deixou como herdeiro o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, quinto filho varão do rei D. Manuel. O falecimento do sexagenário monarca em 1580, sem herdeiros diretos, desencadeou uma atribulada crise sucessória num Portugal enfraquecido pelo esforço da manutenção do império, espalhado por três continentes, pelas perdas humanas, esforços financeiros mobilizados para a desastrosa campanha militar marroquina e, depois do sanguinário revés, para os pesados resgates despendidos na libertação da enorme fileira de cativos, mais de dez mil, acorrentados nas masmorras muçulmanas.

A disputa ao trono vago de Portugal foi requestada por vários pretendentes com ligações de sangue à família real portuguesa.

O Rei de Castela, Filipe II, filho da primogénita do *Venturoso* rei D. Manuel de Portugal, fez valer os seus direitos sucessórios, apoiado pelo poder dos exércitos afastou os outros pretendentes ao trono.

As Cortes de Tomar de 1581 reconheceram as suas pretensões à coroa portuguesa. Foi eleito Rei de Portugal, sob o título de Filipe I.

...

Na vila de Aveiro, *antiga e nobre povoação do Reino de Portugal*, cruzando os carreiros arenosos semeados de restos de conchas que bordejavam a laguna do Vouga, Antónia Rodrigues ensaiava as primeiras passadas.

CAPÍTULO I

ANO DE 1589 — A PRIMEIRA VIAGEM

A pequena Antónia, escutando as vozes avisadas dos marinheiros, colou o corpo magro contra a cobertura do convés, abraçando com os dois braços esguios um golfião da proa. A pequena caravela bolinando de feição, tocada pelas mãos sabedoras do seu pai Simão Rodrigues, ia galgando o mar ao encontro dos muros de ondas revoltas, anunciando a chegada à embocadura do Mondego. A maré corria de feição, as águas altas indicavam que a praia-mar estaria quase a terminar o seu turno de abastança. O oceano, comandado pela lua, não tardaria a iniciar a dança de encolher os braços. O embate nas primeiras vagas da rebentação levantou uma chuva de pingos grossos misturados em espuma. Antónia, de olhos bem abertos, sentia como carícias os salpicos salgados nas faces. A viragem da maré não tardaria, a perícia do piloto conduziu a barca saltando as ondas até junto da ribeira da Figueira onde fundeou em águas mansas. A jovem aprendiz de marinharia ajudou a tripulação no arriar das velas, na arrumação do convés e na atracação segura. Finalmente podia desamarrar o lenço atado entre as pernas a desenhar duas perneiras na saia, facilitava dessa guisa os movimentos e num gesto decidido soltou as tranças compridas escondidas sob um carapuço de saragoça. O que parecia ser um noviço grumete voltava à pele de menina com dez anos ainda não completos. O pai, o mestre mareante Simão Rodrigues, prometera e cumprira:

— Ainda antes dos dias ventosos e de marés vivas de outono, numa carga de sal para o Mondego, vais comigo como aprendiz de marinheiro.

O patrão e comandante, velho marítimo de longas barbas brancas, havia quinze anos que confiava a Simão Rodrigues o apresto e a navegação da caravela *Santo Amaro*. A tal fora obrigado depois de numa tempestade ao largo da foz do Douro ter sido atingido pela queda da verga do mastro grande da embarcação, quase o arrojou para o fundo dos mares,

acidente de que com muito custo saiu vivo, mas repleto de mazelas, sendo a mais penosa a perda da perna direita bem por cima do joelho, amputada à pressa no hospital de sangue de uma ordem de benemerência do Porto. Ficaria para todo o sempre limitado, seguindo a navegação e os negócios dos fretes numa gaiuta do castelo da popa, confiando as artes de mar e escolha do rumo ao seu marinheiro mais sabedor: o pai da pequena Antónia.

A jornada entre a barra do Vouga e o porto de Buarcos pareceu a Simão ser o melhor trajeto para cumprir a promessa lavrada. A incursão no mar largo seria o reconhecimento pela companhia e ajuda que a filha, por costume, oferecia quando saía para pescarias nas águas fechadas da laguna do Vouga. Quando os ventos e as ondas alterosas dos invernos acoassavam os mares de Aveiro ou os fretes de carga escasseavam, a *Santo Amaro* era fundeada no Canal Principal da Vila a aguardar carregos e marés bonançosas. O experimentado marinheiro nas paragens forçadas da caravela manobrava uma pequena bateira, vogava pelas águas mansas que descem de Ovar até Ílhavo, buscando na ria o pão para a família.

Antónia desde os seis anos que o seguia vibrando com as artes pesqueiras e as manobras da modesta embarcação.

A sua mãe, Leonor Dias, começara há vinte anos por trazer para o mundo uma filha a que deram o nome de Inácia. Com pouco mais de quinze anos, casada com um carpinteiro naval, navegaria para o Tejo na procura de melhor vida, estabelecendo o seu pouso num arruamento vizinho do largo das Cruzes da Sé, em Lisboa.

Nas margens arenosas da Ria de Aveiro, durante nove largos e trabalhosos anos, Leonor, todas as vezes que emprenhava, com desgraça e dor, perdia a esperançosa semente carreada no bucho. Sem entenderem as razões do castigo, os rebentos minguavam e feneciam entre gritos e aflições.

Por obra de muitas rezas, benzeduras e promessas ao Santíssimo, no final de março de 1580 nasceu Antónia, criada com o esmero que a penúria permitia, despontaria rija e varonil: as bonecas de pano, a roca e o fuso nunca lhe pareceram as brincadeiras certas. Escolhia entrar em correrias com os rapazes, nadar para os barcos acostados nas águas lisas dos esteiros da ria, temida por ter mão certa a lançar pedras e manejar, como poucos, as espadas de brincar feitas de caniço ou de um pedaço de madeira.

Na esteira de Antónia nasceram três rapazes, quase a tropeçar uns nos outros. Leonor trazia os petizes presos às saias enquanto percorria as

ruas da vila de Aveiro a apregoar o pescado que Simão, com a modesta ajuda da filha, recolhia nas redes. A vida da mãe, atropelada por muitas dificuldades, ainda era agravada pelo feitio arisco de Antónia, desde menina fugia de olhar, ajudar no cuidar dos irmãos ou a lançar a mão miúda nos trabalhos domésticos. Encontraria no pai um bom refúgio seguindo com ele como aprendiz de marinhagem no pequeno bote a remos com uma vela de pendão retangular, oferecendo nos trabalhos de pescaria a sua esperteza: desenvoltura para as artes das redes, da vela ou dos remos, e a modesta força que o corpo delgado não regateava.

A caravela, carregada de sal alvo, cruzara a grande laguna que desune o rio Vouga do revoltado oceano. Aproveitando o início da vazante, os sabedores marinheiros daquelas águas chãs aceitavam a ajuda da força da maré que os impelia para a foz e o mar largo. A pequena barca zarpara dos confins da ria, junto de Cabanões e Ovar, onde nas vésperas carregaram para o bojo todo o sal que os porões podiam acoitar.

A navegação no canal de desembocadura no Atlântico oferecia no fim de cada verão perigos e armadilhas, a servir de boa prova estavam os esqueletos de embarcações naufragadas abandonados nas margens. Nos últimos anos as areias e tudo o que as correntes marítimas arrastavam ameaçavam fechar a barra, e numa maré mais mansa bloquear todos os estreitos, asfixiando os caminhos para o mar. A sabedoria do pai, os muitos anos de navegação, o conhecimento dos canais e movimentos das areias permitiram apontar a caravela ao mar fundo, vencer as primeiras ondas e rumar a sul na procura do cabo junto ao sopé da Serra de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Naquela tarde de setembro estava fundeada nas areias da Ribeira da Figueira, depois de ter cruzado o pedaço das águas balizadas pelos rios Mondego e Vouga.

O patrão Afonso Anes chamou Simão Rodrigues à popa, encarregando-o de encontrar um estafeta burriqueiro capaz de dar uma saltada comprida ao povoado de Tavadede, sito quase a uma légua num caminho estreito sempre a subir. Levaria a incumbência de avisar o comerciante Rodrigo do Vale da acostagem da caravela e do que a *Santo Amaro* carregava a seu cuidado.

Simão ia acompanhado pela filha, que procurando parecer um grumete cingira de novo um farrapo em volta das pernas, fazendo a saia parecer um saruel marroquino, e reconchegara as tranças compridas

dentro do coçado carapuço de fazenda grossa. Com estes ajustes evitava perguntas e comentários sobre o que faria uma rapariga, de corpo tão franzino, na tripulação da embarcação.

Antónia não desgrudava da companhia do pai, atenta e curiosa com dizeres e ensinamentos. Não tardaram a apalavrar um azemel disponível a tomar o trilho, correr ao povoado do comerciante comprador do carregamento da embarcação, cobrando pela tarefa um arrátel e mais duas onças de sal. Apressado, saiu em desfilada, montando um burro travesso, prometendo trazer notícias com prontidão.

Antes de regressarem a bordo, mercadejaram, num pequeno galeão atracado mesmo ao lado da caravela, uma cestada de sardinhas frescas a serem nessa hora descarregadas no meio de atropelos, correrias e gritaria de pescadores e peixeiras.

O pai subiu a bordo para recolher três onças de sal, a paga combinada do peixe para a ceia da tripulação. Encarregou Antónia da tarefa de recolher aparas e sobras de madeira num estaleiro naval vizinho. Os seus braços estreitos correram a juntar a lenha miúda para alimentar a fogueira. No brasido haveriam de acamar bem alinhadas as sardinhas vestidas de uma camada de sal, de tão frescas ainda vertiam sangue das guelras. Não tardaram a largar um aroma guloso, ganhar o dourado acastanhado de bem assadas e animar a tripulação da caravela que as devorava acompanhadas por uns pães secos e rijos acarrejados desde Aveiro. Uma cabaça de vinho dançava de mão em mão, abrindo sorrisos nas faces crestadas dos mareantes.

O burriqueiro estafeta, encarregado de levar a mensagem ao comprador do sal, chegaria afogueado quando o sol, pintando de vermelho o firmamento, aprontava a deita no mar largo. Com ele vinha um criado do comerciante portador de informes: na madrugada vizinha o patrão desceria à ribeira com um carro de bois, solicitava o apartamento de dois moios da mercadoria, destinados a seguirem para Tavarede. Adiantou outra novidade sobre o destino da carga:

— O senhor Rodrigo do Vale mandou dizer que a fatia grossa do frete vai a navegar pelo Mondego até Coimbra.

A noite calma de ares secos permitiria a pernoita do sal ao relento, os tripulantes atiraram-se ao trabalho transferindo para o convés os dois moios: cento e vinte alqueires bem medidos. Na manhã seguinte a tarefa de baldeação para o carro de bois seria mais leve e breve. Resguardada a mercadoria com um desbotado pano de vela, acoitaram-se, como era

costume, nos cantos da barca que cada marinheiro elegia como melhor guarita. Antónia e o pai aconchegaram-se na proa, bem por baixo da coberta.

A tripulação, ainda a aurora se espreguiçava, despertou com vozes fortes a chamarem o patrão. Era o comerciante Rodrigo do Vale a solicitar a subida a bordo. Estremunhados, os mareantes lançaram uma escada, trepada quase a correr pelo mercador, o dia iria ser comprido. O negociante da mercancia trazia um novo destino à caravela.

Afonso Anes, mediante um pagamento adicional, aceitou que a embarcação trepasse o Mondego até à vila de Verride, onde finalmente se transbordaria o carregamento para a barca do António de Moraes, conhecido armador do Mondego. A minguagem de águas no verão daquele ano não permitiria à *Santo Amaro*, embarcação de mar com mais de três côvados de calado, continuar com segurança a navegação até aos termos da cidade de Coimbra.

Arriaram, para o carro puxado a quatro bestas, o sal separado na véspera. Os bois, animados pelos incentivos e varadas dos moços de soga, tomaram a estrada de Tavarede.

Cumprindo as ordens do comprador um rancho de mulheres e rapazes com cestas e canastas de verga transferiram, à cabeça, outros cinco moios da alva mercadoria para uma barraca do comerciante, por ele chamada de Casa da Salina, edificação térrea em madeira, bem vizinha das margens do Mondego.

Antónia, com o traje ajustado a parecer um pequeno grumete, assistia curiosa ao tropel acelerado dos carrejões; ganhavam, por cada carga alombada, uma porção miúda de mercadoria.

O tempo urgia, a força oferecida pela enchente da maré seria um aliado a não desperdiçar, a pesada caravela tocada pelas águas do mar estava pronta a zarpar. Simão Rodrigues apontou a proa da embarcação ao meio do curso do rio Mondego, a filha e outros mareantes ajudaram nas manobras hasteando as velas que se abarrotaram de um vento fresco de noroeste, a nau solta das amarras despedia-se da Figueira.

Levados na espuma da maré venceram em pouco tempo as três léguas de navegação. Ainda com a luz do dia fundearam na vila de Verride junto ao terreiro que servia de cais e estaleiro naval. Bem ancorados e presos às margens por cordas grossas, descansaram, aguardando a chegada do comerciante de Tavarede e do barqueiro, que um pouco mais acima no curso das águas, por essas horas, descarregava no desembarcadouro

da vila de Soure, no rio Arunca, afluente do Mondego, um carregamento de vasilhas de azeite e vinhos transportados do Porto da Raiva, lugar bem arredado a montante da cidade de Coimbra. Assim ouvira Antónia da boca do negociante Rodrigo do Vale nas conversas com o patrão.

Na próxima madrugada fariam a trasfega do sal.

Pai e filha, depois da ceia, peixe seco cozido com cebolas e o mesmo pão da véspera, conferida a atracção e segurança da nau, puderam recolher ao seu cantinho na proa. Simão recomendou à filha que na manhã seguinte, com o sol vivo e luminoso, trepasse ao mastro grande e atirasse o olhar pelo rio acima. Haveria de descobrir do lado do coração um monte e, no topo desse cabeço, um enorme castelo erigido em tempos que os mouros campeavam naqueles sítios. Era a fortaleza amuralhada de Montemor-o-Velho.

A passagem de uma barcaça carregada de pedra, com os tripulantes em desbragada gritaria, fez com que todos despertassem e corresse para a amurada, mesmo a tempo de sentirem o balanço das águas agitadas pelo navegar da enorme embarcação: iluminada por um grande fogaréu na proa, rasgava com afoito as águas e a noite. Recuperados do despertar atropelado, Simão carinhosamente voltou a agasalhar, sob a manta de lã, o corpo franzino de Antónia, filha predileta por quem guardava e cultivava grande estima, respeito e admiração. Andava agora pelos nove anos e meio, revelava uma sabedoria e interesse de aprender que o deixavam enlevado, lamentava não a poder ajudar no maior sonho e ambição de que não fazia segredo:

— Eu quero e vou um dia aprender a ler e escrever.

Causa impossível de conseguir. Para ele, garantir à menina, sua companheira de pescarias, e aos irmãos mais novos um naco de pão e umas febras de peixe já era tarefa cumprida com muito sacrifício.

Na alvorada seguinte o tempo deu para preguiçar, do rio nascia uma neblina grossa que mais parecia fumo. A navegação teria de esperar até o firmamento levantar o teto. A meio da manhã a vida parecia voltar ao curso das águas, pescadores em pequenos botes acercaram-se da caravela, tentavam e conseguiram negociar o seu pescado miúdo por troca de algumas onças de sal.

Antónia, recordando as palavras do pai, trepou ao mastro principal na procura do castelo mouro. Acabou por desviar a atenção para o curso do rio, navegando na direcção do ancoradouro um batel ribeirinho de grandes dimensões achegava-se seguro e lesto. O barqueiro António de

Morais não tardaria a encostar com mestria a embarcação ao costado da caravela. Começaram por enxaguar com água limpa e secaram o cavername da barca, preparando uma boa cama para o sal marinho. Sem outras demoras todos os tripulantes iniciaram a medição e transferência da mercadoria. Destinaram, cumprindo as ordens do comprador, sete moios e dez alqueires para serem entregues em Coimbra à ordem do Convento de Celas. Bem separados por umas tábuas corridas recomeçaram a contagem de doze moios para o Convento de Santa Cruz. Com os corpos derreados de cansaço, cada moio representava sessenta cestas de alqueire alombadas à cabeça, concluíram o transbordo, transferindo mais nove moios de sal destinado ao Cabido da Sé de Coimbra.

A caravela solta da carga dançava leve nas águas. Conforme o combinado acataram a chegada, a cavalo, do mercador Rodrigo do Vale. Conferida a carga acondicionada no cavername, separada por destinatário, o comerciante transmitiu a instrução para aprontarem a largada. A barca impulsionada por uma vela retangular cheia de vento e com ajuda de varas compridas enfiadas no chão do leito pelos tripulantes, a correr descalços na borda larga da barca untada de pez para os pés não escorregarem, empurraram com músculos, raiva e suor a pesada embarcação. A jornada com a força do vento e dos braços haveria de chegar sem muita demora ao cais da Geria, nos arrabaldes de Coimbra.

Antes de zarparem Mondego abaixo ao encontro do mar largo, o comprador pagou a Afonso Anes os combinados quatro mil reis o moio, libertando o mestre para comerciar, como bem entendesse, a mercadoria restante no fundo dos porões.

Pescadores, almocreves, vendedores, burriqueiros não faltariam para limpar até ao último grão de sal do cavername, e, com sorte, no porto de Buarcos encontrariam um carregamento de mercadoria para entregar em Aveiro.

Antónia voltou a trepar ao mastro, finalmente contemplou ao longe, numa colina que parecia uma ilha naquelas terras planas, as muralhas do castelo dos mouros.

A caravela leve a bailar, solta de carregos, tocada pela vazante não levou muito tempo a varar o rio até à foz. Simão Rodrigues, com a ajuda da filha e de um outro grumete, aproveitou o curso da navegação ribeirinha para medir as sobras de sal. Apuraram uns sete alqueires meios moídos e manchados pelo contacto demorado com as madeiras do barco. Mestre Afonso Anes tomou a decisão de não buscar em Buarcos mercadorias

para a torna-viagem. Tomaram o rumo do mar e do norte aproveitando as brisas de feição. Em boa hora o fizeram, na enchente da maré, na embocadura da Ria de Aveiro, mesmo vindo a caravela solta de carga, sentiram as areias a roçar no fundo do casco. O mestre, com a sabedoria de muitos anos de mar, agourou:

— Se não chegar depressa uma maré viva que rasgue o muro de areias, vamos ter a barra fechada por um destes dias.

Acostaram a embarcação no canal central da vila, onde a caravela tinha o costumeiro ancoradouro. Antes de correrem para casa, o mestre chamou os homens e pagou-lhes à razão de cinquenta reis por jorna, autorizando o levantamento de cinco onças do sal sobranete por cabeça. Simão, mareante principal da caravela, viu o salário trepar para os setenta reis e foi autorizado a levantar todo o sal que pudesse acarretar.

Antónia estranhou ser chamada à gaiuta do patrão, abriu os olhos quando ele lhe passou em moedas miúdas cento e vinte reis, destinados a saldar o trabalho dos últimos dias, mas o maior agrado foram as palavras do patrão Afonso Anes:

— Poucos grumetes rapazes eram competentes para fazer o que tu, ainda menina, mostraste ser capaz.

Foi com orgulho desmedido em alegre alvoroço, entre palavras de regozijo, que entregou à mãe as primeiras moedas de seu granjeio.

Pingavam... salitre, suor, orgulho e contentamento.

CAPÍTULO II

ANO DE 1590 — A RIA CERCADA DE FOME

Os presságios do armador Afonso Anes, na entrada atropelada da caravela na Ria de Aveiro, estavam carregados de muito saber e de uma vida a cruzar a barra do Vouga, um pedaço traiçoeiro de águas. Outubro trouxe tempestades no grande oceano bravio, borrascas sugaram dos fundos areias grossas, conchas e cascalhos, penedos do tamanho de barcos. Os canais de ligação da laguna ao mar foram sendo entaipados por dunas a lembrar muralhas, em poucas semanas as águas estavam separadas.

Histórias de fundos marítimos alevantados, areais em movimento, dunas eriçadas de pedras e paus que de noite para o dia riscavam fronteiras entre a Ria e o Atlântico eram contadas nas noites compridas de tormenta, quando os marinheiros se acoitavam em casa de volta da lareira a conversar e a rezar para o mar sossegar e não travar a partida dos barcos na labuta do sustento.

Antónia ouvia de olhos abertos o pai descrever relatos dos velhos marinheiros. Em passado não muito distante a foz do Vouga abria-se num largo estuário semeado de ilhas arenosas, mas que não travavam o navegar para o mar. Devagar, ao longo de pouco mais de trinta anos, uma língua grossa de dunas tocada por ventos e marés impiedosas foi crescendo a partir das praias de Paramos, criando um cordão litoral alimentado pelas areias submarinas, estendendo o caminho em cada inverno mais para o sul.

Simão Rodrigues, num tom pesado, cansado, plangente, descrevia aos filhos acoitados à sua volta no borrarho da casa, enquanto engoliam uma ceia modesta, os acontecimentos ocorridos no inverno de 1575: temporais medonhos entulharam os canais de acesso ao mar, cortando por inteiro a navegação, aprisionando nos cais caravelas e outras naus de grande calado. Os pequenos botes de pesca tiveram por dois longos anos

de ser arrastados entre a ria e o oceano, à força de braços e gritos roucos de incentivos às juntas de bois castigadas com fundas aguilhadas, pesadas varadas que faziam espantar de dor os animais, levantando as sujidades das suas peles duras. Com sofrimento, homens e animais a espumar de canseira, conseguiam vencer as crescentes dunas e chegar com as barcas pesqueiras às praias e ao peixe das águas livres e vivas. Na laguna fechada, conforme as águas se transformavam em pântanos putrefactos e os campos de cultivo se iam alagando recusando o pão aos agricultores, o pescado não vivia com mais sorte: aparecia a boiar de barriga ao vento, pasto guloso de gaivotas e outras aves.

O novel rei D. Sebastião, conhecendo a onda de fome e doença que varria o litoral deste seu pedaço de costa marítima, compadecido pelas misérias, determinou os meios, dinheiro e homens, capazes de prestar auxílio aos muitos armadores, pescadores e agricultores que nesses tempos recuados habitavam nos termos das vilas ribeirinhas da grande laguna. Acorreram ranchos de trabalhadores, juntaram a força dos braços, entusiasmados pela penúria, foram carreando areias, arredando os rochedos, abrindo um veio onde as águas podiam correr. Numa vazante com o mar encolhido soltaram-se as águas doentes da ria. Na maré seguinte a força do Atlântico rompeu e alargou o canal e trouxe de novo vida fresca à laguna. Algum tempo depois foi possível consolidar as margens com troncos e balizar a barra. Finalmente as grandes embarcações voltaram a dançar soltas, os pilotos mais sabedores tomaram a cana do leme, apontando os barcos ao mar fundo.

As gentes da vila de Aveiro e dos povoados em redor retomaram os seus caminhos, curando, tentando esquecer as pouquidões e os lamentos. As caravelas voltaram a partir na demanda do bacalhau nos bancos longínquos da Terra Nova. O sal, ouro que o mar, o sol e o vento ofereciam às gentes da ria, voltou a atulhar os porões do navio e procurar as paragens onde o pagavam por dinheiros gordos. A vida parecia, depois de quase três anos de barra encerrada, regressar aos dias de abastamento.

Os desabafos e temores do mestre armador Afonso Anes seriam premonitórios. Em 1590 o estrangulamento das águas voltaria a semear medos por toda a Ria de Aveiro. A população, que o bispo de Coimbra, frei D. João Soares, entendera recensear no passado ano de 1572 e em que se contaram onze mil trezentas e sessenta e cinco pessoas de comunhão, minguaava todos os dias. Os povos arrastavam as embarcações para o mar

e acostavam ao longo do litoral criando póvoas de pescadores, outros rumavam a Lisboa procurando ser arregimentados para as tripulações das grandes naus de proas apontadas aos mares dos confins distantes da Índia e do Brasil.

Antónia vivia a angústia do pai: em cada sortida nas águas paradas da ria apenas conseguia recolher peixe pobre e miúdo. A caravela de Afonso Anes continuava acorrentada ao cais sem serventia, ainda fizeram umas tentativas de a libertar das garras das águas prisioneiras, planearam navegar para o Douro, procurar no Porto os fretes que tanto careciam. O arrastar pesado do casco nos fundos aconselhou a recolherem ao molhe de acostagem e esperar a chegada de boas novas: o anúncio de uma maré tempestuosa capaz de rasgar um canal que ligasse as águas e oferecesse uma nova vida à laguna.

Antónia, em revolta e ansiedade, procurou trabalho nas obras da grandiosa Igreja da Misericórdia, que nesses anos de minguia se construía com luxo e esbanjamento. Sabia terem andado a apregoar pelas ruas da vila por braços de trabalho. Eram precisas mulheres para transportarem, em cestas à cabeça, as areias, a cal e a pedra aparelhada. O corpo franzino, ainda de menina, levou o encarregado empreiteiro a atirar-lhe uma grosseira resposta de recusa. Não seria fácil a Antónia competir com as duras peixeiras com braços robustos como trancas de madeira de carvalho.

A estagnação das águas obrigava Simão Rodrigues, muitas vezes com a ajuda da filha, a procurar o leito dos ribeiros que desaguavam na laguna doente. As águas batidas por tantos pescadores iam-se despovoando de peixe, a colheita das redes só dava para matar com magreza a fome.

Os irmãos juntavam-se ao outro rapazio pobre da vila, pedinchando uma côdea de pão nas saídas das missas, batendo no ferrolho dos abastados ou dos senhores da igreja, muitas vezes apareciam em casa espantados pelos cães de guarda.

Leonor e Simão, consumidos, cercados pela penúria, entenderam procurar aligeirar as bocas à mesa, o filho Januário, nos seus breves oito anos, por misericórdia seguiu como moço de pastor para uns abarramentos e cercados para animais, fronteiros ao povoado distante da Quintã, prestando serviço a troco de agasalho e comida ao carniceiro conhecido pelo *Calca Rabos*, dono de um açougue em Aradas que abastecia a vila de Aveiro. O talhante aforara aos frades de Santa Cruz de Coimbra os direitos de pastar um numeroso rebanho de ovelhas e cabras nas matas

e baldios nas terras dos Irmãos Crúzios, senhorios que se estendiam dos termos da vila de Cadima até ao mar.

Antónia, avessa a ajudar no cuidado dos irmãos ou nos trabalhos domésticos da pobre casa, fugia amiúde da tutela dos pais, procurando, a troco de uma mão-cheia de quase nada, trabalho duro nas poucas marinhas de sal, acarretando com muito trabalho águas limpas, retiradas à picota dos fundos da ria para as salinas. O corpo de rapariga floria, começando a revelar os primeiros sinais de mulher. Os seus peitos, como botões de rosa brava, rompiam seguros, adivinhavam-se sob as roupas desfiadas do seu traje. Numa tarde soalheira e ventosa no malhadal das salinas, onde conseguira algumas jornas, Antónia, com um pajão alisava e prensava, junto ao palheiro de recolha, um monte de sal acabado de colher. O patrão aproximou-se pela retaguarda, sem uma palavra lançou com um gesto brusco e duro a mão pesada ao seu peito, apertando com aspereza os pequenos mamilos. A dor de espanto e sofrimento não era comparável à raiva que lhe despertou o gesto boçal e desabrido. Não pensou duas vezes, levantou a pá salineira, juntou forças e desferiu uma pancada tão certa que abriu a cabeça ao abusador. O marnoto, surpreendido, tentou persegui-la, ao mesmo tempo que com um pano procurava estancar o sangue, a bradar de fúria e tormento viu a desabrida servente rasgar as barachas e voar pelas marinhas na procura de refúgio em casa.

O acontecimento correu a vila e chegou ao conhecimento da mãe Leonor. Temerosa e cansada da rebeldia da filha, tomou a decisão de levar para a frente o que há muito bailava na vontade:

— Antónia deve rumar a Lisboa para casa da irmã Inácia.

Mesmo sabendo o pesar que tal partida iria causar, conseguiu com palavras moles, sussurradas aos serões, convencer o marido da necessidade de levar a filha tão amada para longe do burburinho tão comentado em Aveiro. O marnoto, homem já feito e com fama de maldoso, contava uma história com capítulos diferentes, apregoando nada ter feito e a rapariga mal encabeçada das ideias é que o acicatara, jurava para quem o escutava:

— A aprendiz de mafarrica vai pagar muito caro a malvadez do seu gesto.

Simão entendeu resistir aos argumentos da mulher. Juntou os modestos pertences de Antónia, acrescentando uma manta lobeira, e foi levar a filha à foz da ribeira de Antuã, num recanto da grande ria, onde o seu irmão Hermenegildo era senhor de uma barca. Pediu proteção e guarida para a filha tão amada até acalmar a senha vingadora do salineiro.

Na vila de Aveiro era abonado, dado como assegurado que o marnoto apresentara uma acusação ao alcaide, registrando uma denúncia em que afirmava ter sido cobardemente atingido sem aviso, nem motivo: instava uma devassa da ocorrência e a justa punição.

Simão Rodrigues, pesaroso, vergado pelas palavras repetidas de Leonor, acabou por entender que guiar Antónia para casa da filha Inácia, em Lisboa, poderia resolver a pendência sem feridas. Algumas semanas depois, terminado o santo ofício da missa que por costume e fé assistiam na igreja do Convento de S. Domingos, pediram para ser recebidos pelo irmão frade a quem costumavam entregar as demasias de peixe quando a safra tal permitia. Relataram com palavras chorosas a desventura de Antónia, as dificuldades da vida com a penúria de pescado e navegação, rogaram sua bênção e ajuda na escrita de uma missiva para a filha mais velha, casada e estabelecida na rua das Cruzes da Sé, em Lisboa.

Frei João de Santo Estêvão asseverou entender as palavras sentidas e dolorosas dos pais, prontificou-se a tomar a tarefa de enviar uma carta para Lisboa endereçada a um irmão mendicante da sua ordem capaz de ir bater ao ferrolho da filha maior.

No empenho, Simão e Leonor pediram para, na missiva, se rogar a Inácia a benfeitoria de recolher por um tempo certo e limitado a avessa irmã. Se o pedido merecesse a concordância, no princípio do verão do próximo ano, Antónia bateria ao ferrolho da casa.

Alguns meses depois foram procurados por um serviçal do Convento. Havia notícias de Lisboa. Acorreram apressados, Simão levava um anseio encoberto, esperançado que Inácia tivesse descoberto um empecilho seguro ao recebimento da irmã. Frei João de Santo Estêvão leu as linhas, tropeçando na escrita arrevesada e emaranhada redigida em Lisboa por um irmão religioso, mas dava para entender e concluir:

— A vossa filha pode meter-se ao caminho.